

ENTREVISTA



Entrevista com Servais Martial Akpaca: sobre sua carreira e a implementação do Mestrado em Estudos da Tradução na Universidade de Abomey-Calavi

Seli Kodjo Darshan Raven¹
Universidade Federal de Santa Catarina



Servais Martial AKPACA Foto: arquivo pessoal

Apresentação

Oriundo do Benim, Servais Martial AKPACA (PhD em Lexicologia e Terminologia Multilíngua, Tradução, Universidade *Lumière Lyon II*, 2008) é coordenador do programa de Mestrado em Estudos de Tradução da Universidade de Abomey-Calavi (Benim). Depois de obter seu Mestrado em literatura inglesa e africana na Universidade *Lumière Lyon II* (França), ele decidiu começar a traduzir. Obteve seu primeiro certificado de tradutor no *Institute of Linguists (IoL)*, de Londres (Inglaterra), em 1997, antes de obter seu PhD.

Ele então trabalhou em grandes organizações africanas e internacionais como a CSI-África (Confederação Sindical Internacional - África), o que lhe permitiu viajar e descobrir a cena da tradução tanto na África como no resto do mundo. Com base nessa

¹ Mestrando em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina (PGET/UFSC). E-mail:-seli.raven@yahoo.com.

experiência, e em colaboração com outros professores da Universidade de Abomey-Calavi, ele criou o Programa de Mestrado em Tradução em 2012.

Como coordenador, sua missão é treinar estudantes e dar-lhes o conhecimento e o profissionalismo necessários para se tornarem tradutores. Ele também está em constante busca de colaboração e intercâmbio com programas de Estudos de Tradução em todo o mundo.

A tese do Dr. Akpaca, “Étude linguistique des problèmes de traduction de *The Life and Times of an African Trade Unionist*”, foi publicada em 2010 pela Éditions Universitaires Européennes (EUE) na Alemanha. Ele também escreveu *Time, Aspect and Modality in The Economists’ Warnings* (2015), *A Discussion on the Phases, Semantics and Syntax of Aspect in the Translation of ‘Structural Transformation, Regional Integration and Resource Mobilisation’* (2015), *A Corpus-based Approach to Lexical semantics* (2015), bem como numerosos artigos disponíveis na biblioteca virtual da Universidade de Abomey-Calavi².

Com relação aos anos da sua formação na escola e na universidade, o que você pode nos falar sobre isso?

Meu nome é Servais Martial AKPACA, tenho doutorado em Tradução e em Terminologia Multilíngue e Lexicologia. Defendi minha tese de doutorado na Universidade *Lumière Lyon II*, na França, em 2008. Meu mestrado e o DEA foram realizados na mesma universidade (*Lumière Lyon II*). Obtive também um diploma de tradução profissional do *Institute of Linguists* em Londres, Inglaterra. E antes de tudo isso, fui para uma escola de tradução em Acra chamada *SoT, School of Translators*. Então essa é minha formação universitária.

Quais foram as suas primeiras leituras no que se refere aos Estudos da Tradução?

O primeiro livro de tradução que li foi “*La stylistique comparée du français et de l’anglais*”, de J. P. Vinay e J. Darbelnet. Foi o primeiro livro de tradução que li. E também li muitos outros livros, como por exemplo “*Les problèmes de Linguistique générale*” de Émile Benveniste, onde ele cobre os problemas de tradução. Trata-se de uma obra que foi publicada em dois volumes. Eu li “*Approche linguistique des problèmes de traduction*” de Chuquet e Paillard. Eu li “*Syntaxe comparée du français et de l’anglais*” de Jacqueline Guillemin-Flescher. Eu também li Eugène Nida: ele é o maior autor, o maior tradutor que li até agora. E ele escreveu muitos livros, mas o melhor em minha opinião é “*The theory*

² A lista de Publicações pode ser acessada em: <https://bec.uac.bj/byAuteurALL/206> (Site em francês)

and practice of translation”. Todo tradutor deve ler esse livro. Depois li Lawrence Venuti, e o livro que mais recomendo é “*The translator’s invisibility*” onde ele desenvolveu dois conceitos, *estrangeirização e domesticação*. Há também Susan Bassnett; em “*Translation Studies*”, ela tem esboçado a história da tradução desde suas origens até recentemente. As obras dela também são interessantes. E depois há também a *Skopos Theory*, de Katharina Reiss e Hans Vermeer em “*Towards a general theory of translational action*”. Estes dois autores desenvolveram uma teoria que eles chamam de Skopos. A *Skopos Theory* é uma teoria que se concentra principalmente na língua e cultura-alvo. E acredito que Nida, que acabei de mencionar, também está nesta lógica de tradução. Eles são chamados de “funcionalistas”. Eu li essas pessoas, li também Mark Halliday. Ele é mais um linguista, mas as teorias linguísticas que desenvolveu são muito úteis na tradução porque a tradução tem uma dimensão linguística. Eu li por exemplo “*An introduction to functional grammar*” e “*Systemic functional linguistics*”, é uma leitura obrigatória.

Então eu acabei de falar sobre dez autores, e foi com esses autores que eu realmente comeci a estudar tradução.

Quais autores/autoras mais marcaram a sua vida acadêmica e de alguma forma influenciaram a sua formação?

Eu insisto em Nida, Nida é o campeão. Há também Vinay e Darbelnet em “*La stylistique comparée du français et de l’anglais*”. É importante dizer que eles falaram de processos de tradução. Eles definiram sete processos de tradução. A saber: transposição, modulação, equivalência, decalque, tradução literal, empréstimo, etc. E eles são mais conhecidos por esses sete processos de tradução que desenvolveram. E eu acho que qualquer iniciante na tradução deveria ler seus livros lá para se inspirar nestes processos de tradução. Porque, no final, a teoria ajuda muito a dominar a prática da tradução. Então falei sobre Nida, Vinay e Darbelnet, falei sobre a *Skopos Theory* de Katharina Reiss e Vermeer e depois há também Chuquet e Paillard em “*Approche linguistique des problèmes de traduction*”. Portanto, esses quatro, na minha opinião, são bastante decisivos. Esses quatro autores disseram coisas que são absolutamente relevantes para a tradução.

Como e quando você iniciou a sua carreira de tradutor? Como se deu o seu encontro com a tradução?

Eu me tornei um tradutor por acaso. Eu estava estudando literatura até minha tese. Eu já havia me inscrito para minha tese de doutorado e meu tema era *Wole Soyinka*, o dramaturgo nigeriano. Eu estava preparando a tese na França e eu já estava adiantado na

redação, já havia passado dois anos. Em 1993, cheguei ao Benin de férias. E uma vez na rua encontrei um velho colega da faculdade que na época trabalhava para a Cooperação Francesa e por isso ele tinha muitos documentos para traduzir para o francês. Ele se lembrou de mim e lembrou que eu havia estudado inglês na universidade, então ele me ofereceu um contrato de tradução para o período de férias. Eu aceitei porque ele ia me pagar quase 3 milhões de francos (cerca de R\$ 27 mil na cotação atual). Havia muitas coisas para traduzir, então eu aceitei e o trabalho me manteve ocupado durante as férias. E ele me forneceu computadores, livros, tudo o que eu precisava para fazer o trabalho. Quando terminei tudo, na verdade estava muito interessado em tudo o que havia feito em dois ou três meses e disse a mim mesmo que não iria continuar com minha tese em literatura, que iria mudar meu trabalho e que, em vez disso, me tornaria um tradutor. Assim, no final de minha estada, no final das férias, me recusei a voltar à França para continuar estudando literatura e fui a Gana, para me inscrever na SoT antes de ir à Inglaterra para preparar o diploma profissional em tradução e foi depois desse diploma que comecei a trabalhar. Trabalhei no Benin como tradutor. Dirigi o departamento de tradução do IPS, *Inter Press Service*. Era uma agência de notícias internacional com sede na Itália e tinha um escritório regional em Harare, no Zimbábue. E Harare queria estabelecer um escritório em um país de língua francesa. Eles escolheram o Benim para instalar o escritório francófono, que precisava de um tradutor, então eles me chamaram. Durante dois anos, gerenciei o departamento de tradução deles. Depois disso, passei em um concurso, um teste para ingressar em outro posto no Quênia que me ocupou por dez anos. Eu fiquei no Quênia por dez anos. E foi durante minha estada no Quênia que preparei e defendi minha tese de doutorado na França. Assim, eu costumava ir regularmente à França para encontrar meu orientador e fotocopiar livros que eu trazia de volta ao Quênia. Eu ia à França duas vezes por ano e isso durou seis anos. Assim, enquanto trabalhava em uma organização internacional no Quênia, de 2000 a 2010, preparei minha tese na Universidade *Lumière Lyon II*, na França, e a defendi.

Você já trabalhou em instituições internacionais: como foi a experiência nessas diferentes instituições?

Sinceramente, achei a tradução uma profissão extremamente importante porque trabalhei para quase quatro organizações internacionais. A primeira que mencionei foi uma agência de imprensa. O que traduzi em Cotonu (Benim) foi enviado a todos os países francófonos da África. Era uma agência de imprensa, então tínhamos correspondentes em diferentes países, jornais que publicavam o que eu traduzia, estações de rádio que também

transmitiam tudo o que eu traduzia para o francês. Porque tínhamos correspondentes em instituições internacionais e países anglófonos, que nos enviaram artigos em inglês que eu traduzi para o francês. E quando fui para o Quênia, trabalhei para uma organização de trabalhadores que era membro, e ainda é da Organização Internacional do Trabalho. Essa organização se chama CISL. Era originalmente a Confederação Internacional dos Sindicatos Livres, que mais tarde se tornou a Confederação Sindical Internacional. E na África tivemos afiliados em 45 países africanos. Assim, tudo o que traduzi foi para esses países, para informar nossas afiliadas. Em alguns países tínhamos até três ou quatro afiliados. Tivemos mais de 50 milhões de membros na África. E assim estávamos preparando documentos para a Conferência Internacional do Trabalho que se realiza todos os anos em Genebra, preparando a posição africana sobre os temas da agenda da conferência internacional. Portanto, estávamos defendendo os interesses dos trabalhadores africanos. Os sindicalistas muitas vezes têm problemas com os governos, então sempre que um sindicalista era preso em um país africano, tínhamos que escrever declarações, protestos e ir ao encontro das autoridades daquele país para obter a libertação dos sindicalistas. Também traduzi livros para a educação dos trabalhadores. Realmente nessa posição, eu fiz muitas coisas. Eu era o líder da equipe. Eu tinha vários tradutores sob minha supervisão e, ao mesmo tempo, era o chefe do departamento de comunicação, porque o departamento de tradução foi geminado com o departamento de comunicação. Também publicamos um jornal bilíngue do qual eu era o editor, e meu chefe era o editor-chefe. Tínhamos um website bilíngue, e foi ainda meu departamento que coordenou todas essas atividades. Tivemos amigos em todo o mundo, sindicatos europeus, franceses, espanhóis, belgas, suecos, americanos, japoneses, etc. Em resumo, em todas as nossas conferências, vieram representantes de todos os sindicatos. E quando estive no Quênia, conheci os líderes da AFRA, a *African Airline Association*. Sua sede fica no Quênia, e eu os encontrei lá, eles também haviam perdido um de seus tradutores. O tradutor se demitiu, então eles me chamaram e eu mantive o trabalho por cinco anos. Eles me fizeram traduzir muitas coisas sobre a aviação civil africana: sua política comercial, os problemas da aviação africana... Eles costumavam organizar reuniões gerais todos os anos e tinham que prepará-las para os CEOs das companhias aéreas que se reuniam. Também trabalhei para a Universidade Africana, também fica também no Quênia.

Portanto, essa é uma parte da minha experiência. Um tradutor traduz para o mundo inteiro, porque lembro, por exemplo, que antes dos *e-tickets*, para falar sobre as companhias aéreas, no passado, antes de viajar, você costumava ir comprar um bilhete de avião em uma agência e o bilhete tinha várias folhas. E é depois disso que os e-tickets foram intro-

duzidos e tudo que dizia respeito aos *e-tickets*, fomos eu e minha equipe que traduzimos isso para os países francófonos da África. Como o conceito veio do Canadá, nos encarregamos de traduzir todos os documentos para o francês para os usuários dos países africanos francófonos. Isso é para mostrar a importância estratégica da tradução. Devo admitir que considero todas essas experiências muito emocionantes e estratégicas.

Você é um tradutor multifacetado e dá aulas na Universidade de Abomey-Calavi (Benim). Que matérias você ensina? Como você descreveria a sua experiência no ensino?

Atualmente, na universidade, sou o coordenador do Mestrado em Tradução. Também ensino tradução nas duas direções (inglês - francês e francês - inglês), estudos da tradução, que é de certa forma a ciência da tradução, porque a tradução tem princípios e regras. Existem métodos e procedimentos, por isso ensino estudos da tradução, além de terminologia comparativa. Eu ensino no mestrado e na graduação. Agora no primeiro, segundo e terceiro anos, leciono o que se chama tema e versão. No momento, tenho a oportunidade de transmitir um pouco da experiência que acumulei ao longo dos anos. E acho o que faço muito interessante porque também leio novos autores. Eu li a teoria e a acrescento à minha prática e isso me permite conduzir pesquisas. Porque os estudantes de mestrado muitas vezes escrevem dissertações. Em cada dissertação, dou aos estudantes a oportunidade de explorar uma série de aspectos da tradução. Falamos principalmente de problemas terminológicos, porque nosso mestrado é um mestrado profissional. E o que caracteriza esse mestrado profissional são os textos especializados. Daí a importância da terminologia: terminologia jurídica, terminologia econômica, tudo depende do setor. Eu lhes mostro como fazer pesquisa em terminologia. A terminologia é extremamente importante porque existem muitos setores de atividade e muitos setores de conhecimento.

Falamos também de sintaxe. A sintaxe é uma questão importante na tradução porque a sintaxe inglesa é geralmente diferente da sintaxe francesa. Você tem que saber como usar a sintaxe quando traduz. Caso contrário, quando você se abandona à sintaxe da língua de origem, você perde o fio da meada. Também falamos sobre os problemas de equivalência de tempo entre o francês e o inglês. Falamos também de semântica lexical, ou seja, o significado das palavras. Falamos de muitas coisas, inclusive de processos de tradução. Além dos sete processos que acabei de mencionar, existem outros processos que foram desenvolvidos por outros autores, especialmente autores de língua inglesa. Estamos falando de vários aspectos da tradução. Estamos falando de hermenêutica, porque às vezes na tradução há passagens pouco claras, que as palavras não permitem entender, devemos interpretar. E para interpretar, você precisa de pistas. Essa é, portanto, a dimensão her-

menêutica da tradução. Falamos também de tradução e cultura. Quando você traduz, você reúne duas culturas diferentes. E você tem que ser capaz de transmitir a mensagem de qualquer maneira. Portanto, lidamos com os problemas da cultura na tradução, a tradução está na encruzilhada de várias ciências. Então é isso que eu faço.

Há quanto tempo que a disciplina de tradução foi implementada na universidade onde você ensina?

Isso praticamente desde a minha chegada, em 2014. Antes disso, a tradução era ensinada no primeiro, segundo e terceiro anos, mas era tema e versão, como na maioria das universidades. Mas foi em 2014 que o mestrado em tradução foi estabelecido. E eu trabalhei para estabelecer este mestrado com colegas professores.

O que você acha que ainda está faltando no ensino dessa disciplina?

Precisamos de centros de documentação. Também precisamos de conexão à Internet, precisamos de computadores porque para traduzir hoje você tem que estar conectado, você tem que fazer muitas pesquisas online. Você tem que estar sempre conectado, e existem bancos de dados de terminologia online, existem dicionários online, tudo está online hoje em dia. Então você precisa do equipamento, dos computadores, da conexão... Você também precisa de aplicativos. Aplicativos de tradução e memórias de tradução. Por exemplo: *Trados* ou *Memsourc*. Memórias de tradução são necessárias porque elas simplificam o trabalho do tradutor. Também digo aos alunos que após o curso ou mesmo durante o curso, eles precisam visitar regularmente países de língua inglesa. Para praticar o idioma, porque aqui estamos em um país de língua francesa, precisamos fazer um intercâmbio com países estrangeiros. Não devemos nos limitar a conhecimentos livrescos. Mesmo o português é necessário no Benim, pois a CEDEAO (Comunidade Econômica dos Estados da África Ocidental) utiliza o português entre outros idiomas de trabalho. Portanto, não é inútil acrescentar o português como língua que ensinamos aqui. Até mesmo intercâmbios com países de língua portuguesa são possíveis.

Você segue algum método/modelo para traduzir? Ao traduzir, você conscientemente segue algum tipo de teoria?

Agora, não traduzimos dizendo que vamos aplicar tal ou tal teoria, não. Mas durante o processo, quando temos um problema específico a resolver, pensamos na transposição, por exemplo, porque quando tentamos traduzir uma passagem literalmente, a lemos em voz alta para ver se o que escrevemos ali soa natural no idioma de destino. Se isso não

parece natural, agora recorremos a procedimentos. Vamos tentar a transposição, vamos tentar a modulação, vamos tentar isso, vamos tentar aquilo, para ver o que acontece. Mas imediatamente, quando você começa a traduzir, você não diz para si mesmo: “vou traduzir aplicando a transposição”, não. É durante o processo que você pensa nestas estratégias para sair de problemas.

Você costuma traduzir obras literárias? Você escolhe os autores que traduz?

Devo admitir que até agora não traduzi muitas obras literárias, mas esse ano comecei com os estudantes, especialmente com os alunos da graduação. Muitos deles agora vão traduzir romances, contos, filmes e peças como parte dos Trabalhos de Conclusão de Curso deles. Estamos nos movendo gradualmente para essa área.

Com que pares de idiomas você trabalha?

Utilizamos dois idiomas: francês e inglês. Mas pretendemos envolver nossos amigos de língua espanhola, bem como nossos amigos no departamento de alemão. Mas, no momento, estamos olhando principalmente para o mercado de trabalho. Aqui na África Ocidental, o par franco-inglês está em ascensão.

Você pretende adicionar o português?

Sim, gostaríamos, especialmente porque existe uma organização sub-regional, a principal organização sub-regional que usa o português. Não há muitos falantes de português, é verdade. Há Cabo Verde, é principalmente Cabo Verde que fala português na nossa sub-região. Mas um pouco mais longe na África, existem outros países de língua portuguesa, como Angola e Moçambique, e não se pode dizer que esses países estejam longe, visitei Angola, por exemplo. Portanto, é sempre bom aprender outra língua estrangeira, nunca é inútil.

O que mais lhe agrada em ser um tradutor?

Hoje em dia, são os tradutores que estão ensinando ao mundo. Porque se você olhar o *Translationum*, é um índice que é publicado a cada dois anos pela UNESCO, ele nos diz que hoje em dia o inglês se tornou uma língua muito central. E mais de 80% dos livros são publicados em inglês e depois traduzidos para outros idiomas: francês, alemão, espanhol e assim por diante. Portanto, a maioria dos livros que as pessoas usam agora nas faculdades são livros traduzidos. Apresentei um trabalho na Universidade de Sorbonne no mês passado sobre a importância dos idiomas no mundo e disse com base em minhas pesquisas que na era da globalização existem dois idiomas: inglês e tradução. Os livros

são publicados em inglês e depois traduzidos para outros idiomas. O inglês está desempenhando um papel extremamente importante. São os tradutores que informam as outras profissões hoje em dia. Portanto, não podemos viver sem a tradução.

Qual é o impacto de seu trabalho como tradutor em suas outras atividades? Como a tradução tem contribuído e/ou interagido com o desenvolvimento dessas atividades?

Por exemplo, eu era um tradutor. Hoje eu sou professor. Posso dizer que é uma continuidade, mas ainda é uma mudança de profissão. E já me foi pedido para ensinar sociologia. Ser um tradutor o expõe a todas as outras profissões e você tem conhecimentos de direito, economia, medicina e agronomia. Você tem conhecimento em todos os setores e essa é a vantagem desse trabalho. Tenho muito conhecimento em contabilidade porque durante anos traduzi balanços e relatórios financeiros trabalhando para uma organização que tinha um departamento de contabilidade. Assim, por mais de 15 anos, traduzi todos os tipos de documentos contábeis. Por isso, quando hoje sou contratado para a contabilidade, sei muitas coisas. Posso dizer o mesmo sobre economia. A organização para a qual eu trabalhava tinha um departamento de assuntos econômicos e sociais. Assim, em economia, eu até traduzi livros. É o mesmo se você falar comigo sobre a educação dos trabalhadores, eu sei algumas coisas. Portanto, na verdade, um tradutor é um pouco estudioso, porque ele tem informações sobre muitos, muitos setores. Isso é o que é interessante.

Quais são seus projetos futuros?

Meus planos são publicar livros: livros de tradução e romances. Romances politicamente ativos porque quero falar sobre o que está acontecendo na África para o resto do mundo. Quero falar sobre os problemas da democracia, os problemas políticos, os problemas econômicos da África em romances. Acho que ainda somos pobres por causa de nossas mentalidades e nossas práticas políticas. Por isso, adoraria ir e ficar em países desenvolvidos de vez em quando, onde posso passar três meses escrevendo, escrevendo romances, três meses publicando livros. É disso que eu mais preciso.

O que você acha que ainda precisa ser traduzido?

Há ainda muitas coisas a serem traduzidas. Sabe, nossos países ainda não entenderam a importância da tradução. Países desenvolvidos como França e Alemanha traduzem milhares de livros todos os anos, porque precisam importar conhecimentos que já estão disponíveis em inglês em outros países. Eles traduzem sistematicamente livros de medicina, de economia, de agronomia. Ainda não entendemos a importância da tradução em nossos

países. É por isso que nos mantemos subdesenvolvidos. Porque não entendemos o que está em jogo na tradução. Estamos em uma sociedade do conhecimento e da informação, e essa informação deve ser buscada. Essas informações são obviamente encontradas em livros publicados em inglês. Temos que traduzir tais livros para obter as informações. Estamos falando hoje, por exemplo, da Covid-19. Já existem cientistas que publicaram livros sobre a Covid-19 e a maioria desses livros está em inglês. Eles precisam ser traduzidos para estarem no mesmo nível de informação que os países anglófonos. Há também políticas econômicas que as pessoas estão aplicando. E essa informação está em inglês. Tem que ser traduzida para o francês. E nossos países ainda não compreenderam a importância da tradução. E devo dizer, para mostrar a importância da tradução, foi através dela que a medicina foi introduzida nas universidades ocidentais no século VIII. A medicina era praticada em países árabes e, no século VIII, os tradutores traduziram livros de medicina para os idiomas europeus. Foi assim que a medicina foi introduzida nas universidades ocidentais, as universidades européias no século VIII.

Que conselhos e recomendações você daria a alguém que deseja entrar no mundo da tradução na África e mais especificamente na África Ocidental?

Eu recomendaria que primeiro treinem bem e passem uma temporada em países estrangeiros cujos idiomas aprenderam. Inglês e português, por exemplo. Você tem que ir e ficar nesses países, para a imersão linguística. Depois disso, quando voltarem, eles podem criar sites ou blogs para se comunicar diretamente com o mundo inteiro. Você pode estar em Cotonu e traduzir para uma instituição nos Estados Unidos. Onde as pessoas podem facilmente encontrá-lo. E você tem que escrever para organizações internacionais, você tem que escrever para todas as instituições que empregam tradutores. Mas você não pode estar sozinho, tem que estar em uma empresa, tem que trabalhar em equipe, em uma equipe de tradutores. Há muitas coisas para traduzir no mundo, você tem que estar ciente disso. E é assim que se trabalha.

